

# REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

## O DESIGN INSTRUCIONAL NO ENSINO PRESENCIAL: REFLEXÕES NA CONTEMPORANEIDADE

DOI: 10.5281/zenodo.16881993

**Débora Ataíde Alves Ferreira**

*Graduação em Química e Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás. Mestrando em Tecnologias Emergentes em Educação pela Must University. deboraaaf@hotmail.com*

**RESUMO:** O artigo analisa o uso do Design Instrucional (DI) no ensino presencial, buscando entender como suas práticas podem promover um aprendizado mais engajador, através de uma revisão bibliográfica. O DI, quando aplicado no ensino presencial, oferece vantagens como a personalização do aprendizado, maior autonomia do aluno e a possibilidade de o professor atender um número maior de alunos. Além disso, o DI permite que os alunos aprendam no seu próprio ritmo, ao mesmo tempo em que o professor pode se dedicar a tirar dúvidas e acompanhar o progresso individual de cada um. No entanto, a implementação do DI no ensino presencial exige investimentos em infraestrutura tecnológica, além de planejamento contínuo e atualização do material didático, para que os alunos tenham acesso a informações precisas e relevantes. Em suma, o artigo destaca o potencial do DI para transformar a dinâmica educacional no ensino presencial, mas também aponta para os desafios que precisam ser superados para sua aplicação eficiente.

**Palavras-chave:** Design Instrucional. Ensino presencial. Autonomia. Ensino personalizado.

**ABSTRACT:** The article analyzes the use of Instructional Design (ID) in face-to-face teaching, seeking to understand how its practices can promote more engaging learning, through a literature review. ID, when applied in face-to-face teaching, offers advantages such as personalized learning, greater student autonomy, and the possibility for the teacher to serve a greater number of students. In addition, ID allows students to learn at their own pace, while the teacher can dedicate themselves to answering questions and monitoring the individual progress of each one. However, the implementation of ID in face-to-face teaching requires investments in technological infrastructure, in addition to continuous planning and updating of didactic material, so that students have access to accurate and relevant information. In short, the article highlights the potential of ID to transform the educational dynamics in face-to-face teaching, but also points out the challenges that need to be overcome for its efficient application.

**Keywords:** Instructional Design. Face-to-face teaching. Autonomy. Personalized learning.

## 1 Introdução

Com a maior difusão de tecnologias no cotidiano, tem sido explorada uma maneira de integra-las à sala de aula de forma que seja possível melhorar a qualidade de ensino. O advento da pandemia do coronavírus, a partir de 2020, fez com que escolas de todo o mundo fossem forçadas a aderir ao ensino à distância (EAD) a fim de cumprir com as normas de distanciamento social. Isso fez com que muitos docentes se adaptassem ao uso de tecnologia em sala, abrindo caminho para diferentes abordagens.

# REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Nesse sentido, o design instrucional (DI) surge como uma engenharia pedagógica que cria experiências de aprendizagem mais dinâmicas e eficazes. Ele pode ser aplicado tanto no ensino on-line quanto presencial, e funciona como um projeto para o aprendizado. Com ele, os professores têm maior controle sobre o que será ensinado, como será ensinado e sobre a maneira de avaliação dos alunos.

Este artigo propõe-se a analisar o uso de DI em sala de aula presencial e discutir como suas práticas contribuem para o ensino engajador nas escolas. Como metodologia realizou-se revisão de literatura, por meio de pesquisa bibliográfica, tendo como base trabalhos científicos disponíveis no meio on-line.

Para discutir as questões apontadas, este trabalho está dividido em introdução, que explica o que é design instrucional e a metodologia usada; desenvolvimento, destacando as etapas principais do processo e quais os principais pontos positivos e negativos; e conclusões finais.

## 2 Design Instrucional na prática

### 2.1 Agentes do DI

O design instrucional é usado primordialmente para melhorar a qualidade da aula. Como afirma Smith & Ragan (2005), o design instrucional é o processo sistemático e reflexivo de tradução de princípios de aprendizagem e teoria educacional em estratégias de ensino eficazes. Com ele, é possível ter um planejamento mais aprofundado do que será estudado, de qual maneira os assuntos serão abordados, e quais os melhores métodos para avaliar o aluno dependendo do conteúdo e estilo de ensino.

Os principais agentes que participam do preparo de material no design instrucional:

- Designer instrucional: o profissional responsável por liderar o processo, quem toma frente no desenvolvimento e planejamento. Ele tem como função analisar quais as principais dificuldades dos alunos, e assim definir quais serão os objetivos de aprendizagem. Ao trabalhar em conjunto com a equipe escolar, também escolhe quais serão os recursos e métodos de ensino utilizados para atingir os objetivos propostos. Além disso,

# REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

escolhe também o método de avaliação dos alunos em vista do conteúdo apresentado.

- Especialista em conteúdo: é o profissional que detém alto conhecimento sobre o conteúdo que será abordado, e auxiliam o DI para que o material utilizado esteja atualizado e contenha todas as informações relevantes.

- Designer multimídia: cria a interface visual do projeto, com animações, vídeos, imagens, entre outros elementos visuais. Eles também se atentam ao foco do projeto e fazem o design de uma maneira que não distraia os alunos do conteúdo em si.

- Gerente multimídia: coordena todos os diferentes setores para que não haja falta de comunicação e todos consigam atingir seus objetivos dentro do prazo.

- Programadores: criam o ambiente no qual o projeto será disponibilizado e garantem que será acessível por diversos tipos de dispositivos.

Além dos profissionais citados, podem ser utilizados também outros profissionais, como tutores, para incentivar os alunos a utilizar o conteúdo, ou revisores, para garantir que tudo está de acordo. Porém, a quantidade e variedade de profissionais depende do tamanho do projeto e da verba destinada a ele.

## 2.2 Vantagens e desvantagens do design instrucional no ensino presencial

O Design Instrucional traz muitas vantagens para o ensino, principalmente por ter um papel transformador na dinâmica educacional. Por permitir que o aluno acesse o conteúdo em diversos momentos, ele se torna o protagonista do próprio conhecimento, conferindo-lhe maior autonomia e responsabilidade. Tal acontecimento é citado por Rodrigues et al.: o aprendizado autogerido não apenas proporciona uma experiência mais envolvente, como também promove a autonomia do aluno, um aspecto fundamental para o desenvolvimento de habilidades de pesquisa e apropriação do conhecimento.

Como proposto por Gagné & Briggs em 1979, o processo de design instrucional deve ser orientado pela compreensão das necessidades, habilidades e características dos alunos, para garantir uma experiência de aprendizagem significativa e eficaz. Ao ser usado no ensino presencial, os elaboradores do conteúdo, por terem maior contato com os alunos, conseguem se atentar às suas maiores dificuldades e fazer explicações mais elaboradas para tais tópicos.

# REVISTA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA – REC

Com o uso do design instrucional nas escolas, o professor dá a liberdade aos alunos de estudarem em seu ritmo, e continua disponível para eventuais dúvidas e acompanhamento durante o processo. Dessa maneira, o mesmo professor pode atender a uma maior quantidade de alunos.

Porém, para que esse modelo funcione, é necessário que a escola tenha os aparelhos tecnológicos necessários para todos os alunos poderem acessar o conteúdo de maneira eficiente, sem problemas de conexão. A transição para métodos pedagógicos mais adaptáveis e integrados tecnologicamente está em consonância com as tendências globais em educação e desenvolvimento de habilidades para o século XXI, destacando a importância do pensamento crítico e aprendizado autodirigido (Adeodato Garrido et al., 2020). Em escolas públicas com pouca verba, fazer essa integração é um problema, pois não há dinheiro suficiente para pagar pela produção do conteúdo, manutenção dos aparelhos eletrônicos e da rede de internet necessária para suportar todos os acessos.

Além disso, outro desafio é garantir que o conteúdo seja apresentado constantemente de uma maneira atrativa aos alunos e se mantenha atualizado. Por ser um conteúdo gravado previamente, é necessário haver planejamento para que a dinâmica entre os vídeos não se torne monótona e passe a ser desinteressante para os alunos. Também é preciso haver revisão do conteúdo gravado para que, com a evolução do ensino, não sejam propagados conceitos errados.

### **3 Considerações Finais**

O uso do design instrucional no ensino presencial pode trazer benefícios assim como no ensino à distância, por trazer uma forma de aprendizagem mais dinâmica e autônoma para os alunos e diminuir a carga de trabalho do professor. Porém, não pode ser empregada em todas as escolas, pois requer estrutura e caixa para que possa funcionar adequadamente.

Ainda assim, como visto nos pontos positivos sobre a integração do DI nas escolas, é válido que seja feita essa transição quando possível dentro da realidade da instituição.

## 4 Referências Bibliográficas

ADEODATO GARRIDO, F.; BRITO DO RÊGO, B.; MACIEL, R. S. P.; SOUZA MATOS, E. de. Uma abordagem de design para MOOC: um mapeamento sistemático da articulação entre design instrucional e de interação. *Revista Brasileira de Informática na Educação*, v. 28, n. 1, 2020.

GAGNÉ, R. M.; BRIGGS, L. J.; WAGER, W. W. *Principles of Instructional Design*. 4. ed. New York: Holt Rinehart and Winston, 1992.

RODRIGUES, F. F.; PULLEN, F. C. dos S.; FIGUEIRÔA, L. M. de; MAGALHÃES, M. S.; SANTOS, S. M. A. V. A aprendizagem autogerida nos cursos on-line com ajuda do design instrucional. *Revista Ilustração*, v. 4, n. 2, p. 3–7, 2023.

SMITH, P. L.; RAGAN, T. J. *Instructional Design*. 2. ed. New York: John Wiley & Sons, 1995.